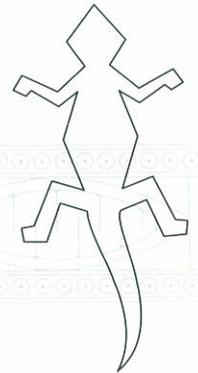


Introdução

A 'casa sagrada' é uma especialização social e religiosa de quase todas as culturas. Independentemente das coacções geográficas ou das agruras dos climas, das complexidades dos sistemas de parentesco ou da diversidade dos universos simbólicos que organizam sociedades, religiosidades e práticas culturais, as diferentes culturas humanas, hoje como ontem, trataram de recriar arquitecturas e habitações, espaços e construções para lhes darem um sentido sacral que, sobretudo epifânico, estrutura a relação cultural entre homem e espaço. Abrigando os mortos, protegendo os antepassados da linhagem, guardando símbolos totémicos ou clânicos, procurando representar cosmogonias ou simbolizar as forças ctónicas, são muitos os exemplos da edificação ou transformação da casa em elemento fundamental da produção sagrada de uma comunidade ou território social. À semelhança dos investimentos barrocos dos nossos cemitérios urbanos ou seguindo as imagens dos panteões, comemorando através de mortos heróicos, os lugares da memória que celebram uma espécie de sagrado colectivo nacional, a casa sagrada constitui um vector matricial da socialização e sacralização do espaço, marcando ritmos da sua apropriação e celebração colectivas.

Aqui interessa-nos a casa sagrada de Oriente. Os edifícios espalhados pelos mundos asiáticos que, dos santuários às simples casas mortuárias, passando pelas grandes construções de aparato casando o poder religioso e secular, tentaram especializar um espaço sacral privilegiado que se tornou fundamental para a coesão e distinção de comunidades e grupos sociais. No contexto geral da casa sagrada oriental, é particularmente essa 'uma-lulik' celebrada na ilha de Timor que aqui se procura perseguir, 'invadir' e tentar compreender com textos, peças etnográficas e fotografias. Se o carácter 'lulik' (sagrado) se pode recensar numa imensa constelação de objectos tanto inertes como animados – das rochas aos animais, das cosmologias solares e lunares às forças da natureza – já a casa que abriga o sagrado, transformando-se, assim, em 'uma-lulik', representa um investimento



complexo, inscrito numa muito longa duração que foi informando a luta das linhagens pela dominação de um território e o combate destes territórios humanos pela sua adequação aos recursos, às vizinhanças e à construção de formas duráveis de estabilidade política. Um combate demorado pela domesticação da paisagem e pela estruturação da ordem social que foi recriando o sagrado enquanto elemento unificador e dominador de um território que se pretendia organizar, defender, transmutar em sociedades e comunidades. Por isso, a 'uma-lulik' polvilha os diferentes territórios da ilha de Timor, de ocidente a oriente, do grande porto de Kupang às belíssimas praias de Tutuala, expressando um complexo ritmo de expansão e de aliança entre linhagens, ao ritmo também da sua morfologia política, cultural e religiosa. São casas transformadas em símbolos misturando o político, o social e o religioso, servindo tanto para marcar as fronteiras simbólicas de uma linhagem como para celebrar o seu poder sagrado que impõem a importância cultural das 'uma-lulik'. Mais do que simples casas físicas, estas 'uma-lulik' erigiram-se em santuários em que se casam permanentemente os poderes do céu e da terra, a sacralização do espaço que se quer também social e político, concretizando uma sacralidade coextensiva com o meio social e natural que, desconhecendo as «nossas» divisões entre sagrado e profano, quase tudo invade e diviniza. Deste modo, a geografia da dispersão destas sagradas casas acompanha a disseminação das linhagens que se foram organizando em 'reinos', em espaços políticos orbitando em torno de um 'liurai' e da sua reunião social de nobres e privilegiados. São casas ligadas, assim, com intimidade à celebração de poderes e dominações, guardando a memória desse poder e da linhagem em que assenta, sacralizando muitos dos objectos que celebram este poder: espadas, escudos, diademas cruzam-se com bandeiras ou papéis que tanto podem ser um velho título de vassalagem a um governador colonial como a doação absolutamente anacrónica de um título nobiliário ou militar europeu, concretizando esse paradigma da governação indirecta (a 'indirect rule', como ensinam os manuais de história do colonialismo europeu...) que holandeses e portugueses sempre convocaram para senhorearem as longínquas ilhas do sudeste asiático que insistiram em colonizar, mais pela política do que por qualquer desenvolvimento 'civilizacional' que, mesmo para as muito paternalistas e piedosas intenções dos projectos coloniais, nunca existiu, da educação às estradas, da saúde ao ambiente, passando pelas (faltas de...) liberdades e direitos políticos, sociais e económicos.

Estas ilhas orientais das Pequenas Sundas - Timor, Flores, Alor, Lomblen, Adonara, Solor... -, continuam ainda hoje a ser mundos marcados por uma grande pobreza social e económica, mas em que se continua a destacar, em contraste, o rico esplendor de culturas tradicionais que souberam emprestar uma grande qualificação artística e variedade etnográfica à produção do religioso e do cultural. Uma 'grandeza' que contraria mesmo as nossas noções ocidentais de pobreza, insistindo em ler e anatemizar as outras sociedades através da exacerbação economicista da sua situação marginal no chamado processo de globalização. Se, em rigor, estas sociedades fossem exclusivamente 'pobres', porque é que o seu património cultural – as portas, as estátuas, a joalharia, os panos, as cestarias, as cerâmicas... – é tão procurado, cobiçado, continuamente vendido, exposto tanto como dramaticamente pilhado. As 'casas sagradas' fazem também parte deste aparato e desta enorme 'riqueza' acumulada por gerações e comunidades. Marcam a paisagem social com uma cultura sagrada e ajudam o poder a expressar simbolicamente a sua ordem e dominação. São geralmente casas grandes, exuberantemente decoradas, traves e frisos esculpidos, colunas desafiando qualquer ordem coríntia, portas ricamente trabalhadas com símbolos da linhagem e atributos do poder. Não são, em contraste, geralmente, a moradia de 'homens' vivos, mas antes santuários em que se abriga a memória de mortos ilustres que, transmitida através de objectos sagrados, celebra a genealogia da linhagem e organiza os seus cultos. Como em quase todos os espaços santuários impõe-se a palavra e a gestualidade de um sacerdote que domina os sentidos dos objectos, cultos e memórias sagradas. Em Timor, este sacerdote, entre o xamânico e o feiticeiro, é muitas vezes designado por 'matadoc', manipulando também frequentemente a doença e a saúde, tanto individual como colectiva. É um dos poucos conhecedores dos tabús e interditos que, expressando-se tanto em objectos como em decorações ou fantásticas lendas orais, se guardam em muitas das estátuas e panos de aparato zelosamente guardados nas casas sagradas, pautando ainda a oralidade totêmica destas comunidades. Aqui a cobra, ali o macaco, em quase todo o lado o crocodilo, a enguia em Ataúro ou o galo em todas as regiões centrais e ocidentais..., são vários os tabus que proíbem ou desaconselham ainda hoje a utilização das suas viandas ou infundem temeroso respeito por estes animais em muitas lendas e mitos orais apresentados como pais fundadores das linhagens ou das línguas que se espalham pelo território insular de Timor.



Quando, rara e dificilmente para um 'estrangeiro' ou uma mulher, se consegue entrar e observar uma casa sagrada timorense ainda inviolada (o que é cada vez mais raro...) arrola-se sempre essa demorada e estranha lista dos mais diferentes objectos: panos, espadas, estátuas, obras de joalheria juntam-se a bandeiras, mobiliário, postes, chifres, cartazes antigos ou moedas coloniais. Se o sentido geral de colecção nos escapa, fácil é compreender que todos os diferentes objectos foram investidos de uma dimensão sagrada que, muitas vezes pormenorizada minuciosamente, organiza tempos e modos do território e da linhagem que o ocupou, defendeu e transformou em espaço político e social. Frequentemente, em complicados jogos e alianças com os poderes coloniais imperantes – daí as bandeiras, moedas ou papéis oficiais – ou em lutas abertas, violentíssimas, com 'reinos' e linhagens adversárias às quais se conquistavam os mais diversos símbolos de poder que podiam ser portas, espadas, panos ou cabeças. Como essa impressionante colecção de cabeças timorenses violentamente decepadas durante as guerras de Manufai que, contrapondo paradoxalmente timorenses contra timorenses pelos anos de 1911-1913, haveria de impor o jugo colonial português por todo o território que, na maior parte dos casos, praticamente desconhecia as lustradas cores dos estranhos fatos de um europeu. Alguém que testemunhou fotograficamente este espectáculo de uma etnologia da violência crucial na decisão das guerras intra-timorenses se encarregou de fazer chegar essa magnífica fotografia ao Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto. Juntamente com esta fotografia é muito possível que alguns outros objectos desta instituição agora expostos – como esse 'lafaek' voador classificado como 'jacaré'... – pudessem ter saído das mãos de algum vigilante guardador de uma casa sagrada timorense. As portas, as estátuas, panos e outros pequenos objectos etnográficos que aqui se expõem, misturando 'velhas' colecções organizadas pela antropologia colonial portuguesa ou exibindo peças de prestígio recentemente resgatadas, ressaltam maioritariamente desta paisagem etnográfica das casas sagradas: portas ricamente decoradas com mitos, legendas e símbolos das linhagens juntam-se a uma belíssima colecção de 'ai-tos' e estatuária de consumo fundamentalmente sagrado. As colecções da Reitoria da Universidade do Porto e da Faculdade de Letras do Porto, em boa hora constituídas e complementadas com algumas peças de colecções privadas, testemunham com eloquência a dispersão dramática do património etnográfico timorense mais rico, ao mesmo tempo que assinalam os esforços da investigação científica

portuguesa no sentido de denunciar a pilhagem cultural de Timor Leste e ajudar a fundar as bases de uma política de defesa, estudo e classificação de um património tão rico como ímpar.

A antropologia da 'uma-lulik' timorense está por fazer. Até mesmo o seu inventário rápido e panorâmico. Pese embora as descrições de um ou outro governador ou administrador colonial, pese embora também os belíssimos trabalhos de investigação etnográfica desse poeta-antropólogo que foi Ruy Cinatti, não existem estudos sérios, profundos, acerca de uma realidade crucial para a reconstrução da própria «cartografia» das culturas e povos de Timor, de ocidente a oriente. Mais do que os mapas linguísticos ou etno-linguísticos extrapolados por uma antropologia colonial excessivamente dependente das estratégias das administrações coloniais ou exacerbadamente confiante na intermediação dos missionários que tentavam dominar (mal) as línguas locais, cabe à moderna investigação antropológica renovar as vias e as metodologias de estudo de culturas cujas ocupações coloniais do passado recente quase destruíram e dissolveram a sua especificidade. As casas quer as comuns quer as sagradas foram dramaticamente destruídas ou, quando o não foram, viram-se pilhadas e esventradas dos seus objectos mais sagrados vendidos em antiquários e mercados de antiguidades de Bali a Londres ou de Jacarta a Nova Iorque ou Amesterdão. As culturas de Timor dispersam-se e um estranho processo de aculturação internacional, utilizando outras moedas, objectos, tecnologias e inteligências tanto como criando aflitivas inflações e desmesuradas burocracias, impõe-se perante as dificuldades de um dia a dia longe de empregos ou dignidades. Subalternidades que abrigam novas dependências e aculturações, como essas que, apressada e paradoxalmente, tratam de invadir os territórios do Timor oriental com casas de tijolo e telhado de zinco, multiplicando tanto as doenças como a insalubridade, destruindo uma longa civilização da madeira, do bambu e das folhas de palmeira ou *aran-aran* que soube encontrar no modelo de uma arquitectura do poste-e-lintel uma plurissecular resposta para o abrigo dos povos e das comunidades ou para a celebração dos grandes cultos e cerimónias sagradas.

Ao lado de um ensaio inédito de investigação científica, este catálogo oferece ainda uma antologia de textos



que, organizada na diacronia, do século XVI aos nossos dias, procura ajudar a compreender esse fenómeno simbólico complexo que os timorenses identificam como ‘uma-lulik’ – casa sagrada. Algumas descrições são vivas e quase directas, outras perseguem estranhas generalidades e essencialismos, outras descrevem simplesmente casas, por vezes até longe da ilha de Timor, noutros horizontes do arquipélago malaio-indonésio longamente escrutinados e evangelizados por mais ou menos bem sucedidos missionários religiosos portugueses, espanhóis, italianos. Casos existem em que mais do que descrições descobrimos verdadeiras representações que, recriando e manipulando o que se podia observar, erguem comparações e interpretações estranhas dos espaços que percorreram. Aqui destacam-se assumidos etnocentrismos ou reflexos claramente xenófobos, ali sublinham-se devastadores programas que se propagandeavam como ‘civilizadores’ ou ‘evangelizadores’. Em qualquer dos casos, as dificuldades para reconhecer a dignidade de outras culturas é enorme e, muito maior, é a capacidade para as descrever, primeiro, para as compreender, depois. Seja como for, estes textos ajudam a comprovar a importância cultural da casa sagrada para as culturas timorenses, concorrendo igualmente para destacar o imenso ‘mundo’ de investigações que é necessário especializar para entender um fenómeno fundamental na organização simbólica das culturas e comunidades da ilha de Timor.

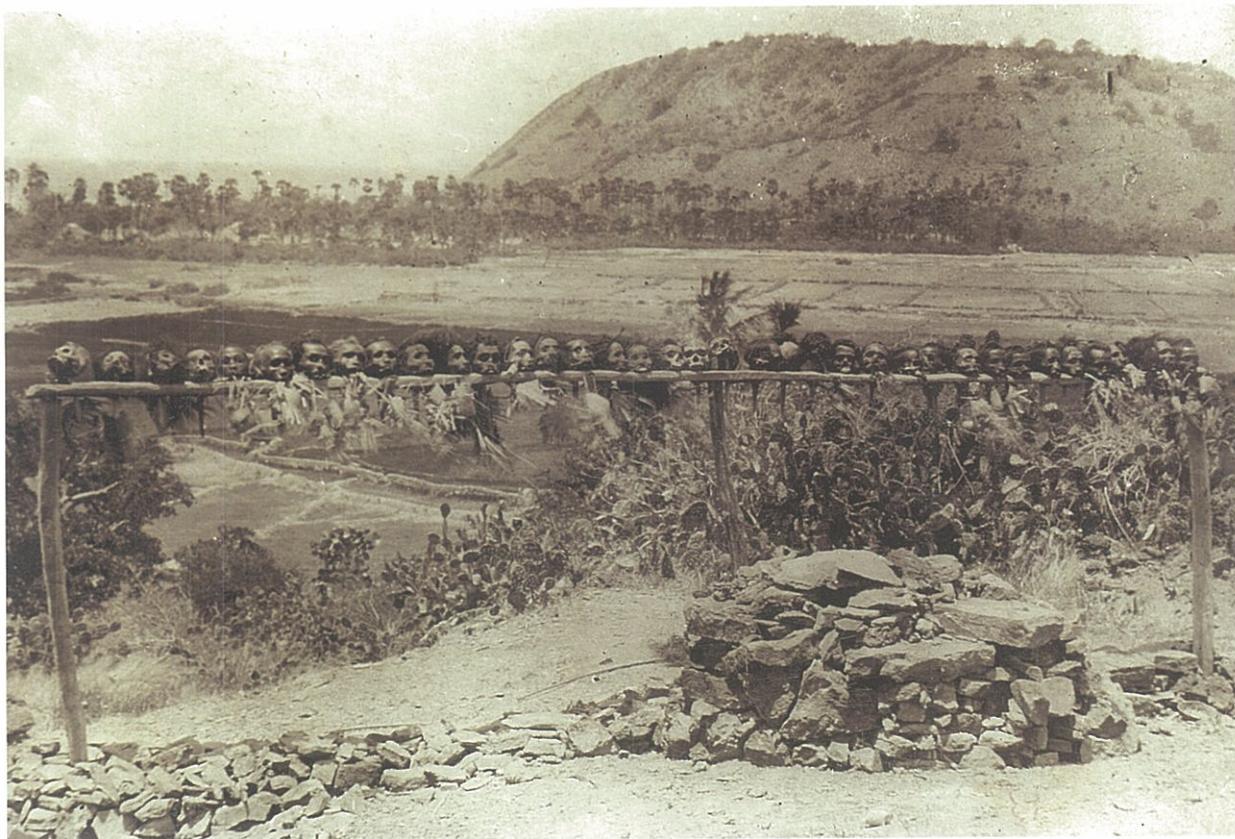
Rui M.S. Centeno

(Universidade do Porto e Centro Português de Estudos do Sudeste Asiático)

Ivo Carneiro de Sousa

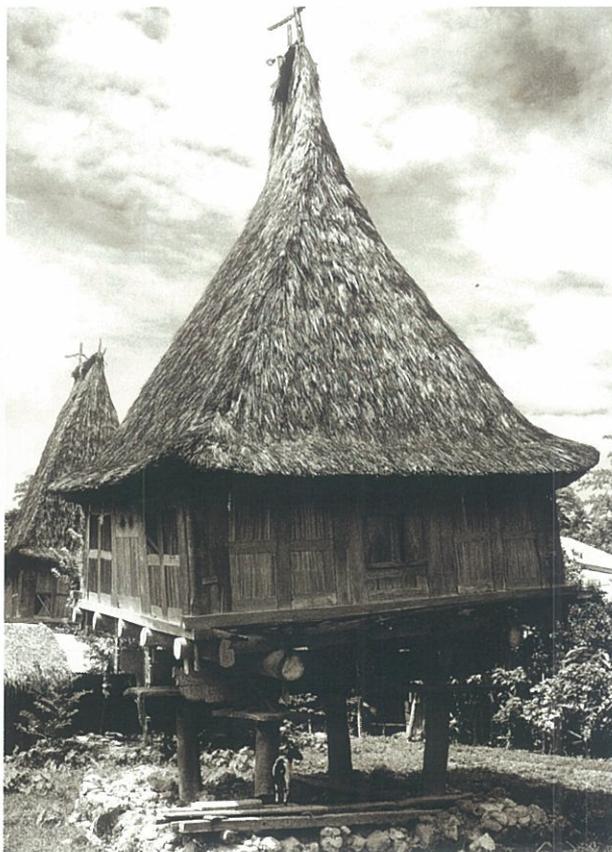
(Universidade do Porto e Centro Português de Estudos do Sudeste Asiático)





Cabeças de rebeldes expostas em Manatuto – Timor 1913





Parlamento (Lautém): duas casas sagradas construídas circa 1928



Parlamento (Lautém): pormenor do travejamento com elementos decorativos da primeira casa

